

ARTIGO

O QUE MAIS TEM REGINA A CONTAR?

Ricardo Noblat

Da equipe do **Correio**

Esqueçam. O escândalo do estupro do painel eletrônico do Senado não acabará com a cassação do mandato dos senadores Roberto Carlos Magalhães e José Roberto Arruda. Os dois negarão o gostinho a adversários, desafetos e à opinião pública indignada com o que fizeram.

Se se convencerem de que serão cassados, simplesmente renunciarão ao mandato para não perder os direitos políticos por 10 anos. Arruda retomará a carreira de engenheiro e dará tempo ao tempo. Antonio Carlos não tem tempo a perder. Tentará voltar à política nas eleições do próximo ano.

Os dois se submeterão amanhã à humilhante prova de ser acareados com Regina Borges, ex-diretora do Prodasen. Regina disse que Arruda lhe encomendou a violação do painel em nome de Antonio Carlos. Arruda disse que fez apenas uma consulta. Antonio Carlos negou a encomenda.

O certo é que cada um dos três reafirmará o que já se sabe a respeito do assunto. O modo como os meios de comunicação venham a tratar a performance deles é que determinará o comportamento posterior dos dois senadores. Se ficarem mal na foto, renunciarão aos mandatos.

Antonio Carlos e Arruda avaliam que a tendência hoje da maioria dos senadores integrantes da Comissão de Ética é claramente a favor da degola. Sabem que dificilmente a tendência será revertida porque ninguém se dispõe a advogar a causa deles dentro do Congresso e muito menos fora dali.

Aceitaram o confronto com Regina porque não tinham saída. Fugir ao confronto significaria uma confissão antecipada de que mentiram — e de que a ex-diretora do Prodasen falou a verdade. A morrerem por antecipação, é

melhor fingir que lutarão até o fim. E saírem de cena um pouco antes.

De resto, e se Regina tremer diante deles? E se ela se deixar intimidar ou derrapar em alguma contradição? Antonio Carlos aposta que conseguirá se impor a Regina, sua ex-subordinada. Afinal, a mera menção ao seu nome foi suficiente para que ela providenciasse rapidamente a violação do painel.

Uma vez, quando o deputado Luiz Eduardo Magalhães ainda era vivo, Antonio Carlos se descontrolou durante despacho com Regina em seu gabinete de presidente do Senado. De repente, começou a gritar com ela e a esmurrar a mesa à sua frente. Por brutal, foi uma cena inesquecível.

O deputado, que era um homem bem-educado, assustou-se com a reação do pai e convenceu-o a sair do gabinete, refugiando-se numa salinha anexa até que passasse o acesso de ira. Regina foi aconselhada a ir embora por um assessor de Antonio Carlos. Estava em pânico. Literalmente em pânico.

O senador baiano não é homem capaz de demonstrar que está com medo diante de ninguém. Ele impõe medo. Mas agora é Regina quem tem as cartas na mão. Primeiro, porque a história que contou permanece de pé. Não lhe derrubaram uma vírgula. Segundo, porque ela pode ter mais o que contar.

O depoimento de Arruda na Comissão de Ética ruiu quando tocou o celular do senador Eduardo Suplicy. Arruda alegara em seu favor que apenas consultara Regina sobre a hipótese de o painel poder ser violado. E que tanto isso era verdade que ela sequer respondera à consulta.

Pelo celular de Suplicy, Regina mandou dizer aos senadores que não recebera uma consulta de Arruda, mas uma ordem. E que na manhã do dia em que o painel seria violado, dissera a Arruda por telefone que no fim do dia ele teria a lista com os votos favoráveis e contrários à cassação de Luiz Estevão.

Que novas surpresas Regina pode ter reservado para revelar durante a acareação de amanhã?